



TOMO XXIII — No. 2

Fevereiro de 1982

# BLUMENAU

em **CADERNOS**

## CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de :

Artur Fouquet - Blumenau  
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio  
Casa Flamingo Ltda.  
Casa de Móveis Rossmark S. A.  
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau  
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau  
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau  
Consulado Alemão - Blumenau  
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau  
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau  
Empresa Auto Viação Catarinense — Blumenau  
Fritz Kuehnrich - Blumenau  
Imobiliária «D L» Ltda.  
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau  
João Felix Hauer - Curitiba  
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau  
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau  
Madeireira Odebrecht Ltda. - Blumenau  
MAFISA - Malharia Blumenau S/A. - Blumenau  
MAJU - Indústria Têxtil Ltda. - Blumenau  
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau  
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau  
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau  
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau  
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau  
Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.

# BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXIII

Fevereiro de 1982

Nº 2

## SUMÁRIO

Página

VOCÊ SABIA?...	34
BIBLIOTECAS MUNICIPAL E AMBULANTE REGISTRARAM INTENSO MOVIMENTO EM 81	36
UMA INJUSTIÇA A REPARAR	37
UM QUARTO DE SÉCULO DE CIRCULAÇÃO	38
ESCRITORES NA FECART	39
A HISTÓRIA DE BLUMENAU REVELA:	40
PREFEITURA ESTÁ IMPLANTANDO PROJETO PIONEIRO DE APROVEITAMENTO ENERGÉTICO DO LIXO	44
SUBSÍDIOS HISTÓRICOS	46
HISTÓRIA ROMANCEADA DE BLUMENAU	48
LA STRIGA	55
PISCINA FLUTUANTE	56
LIVROS NOVOS A SEREM EDITADOS	57
SUBSÍDIOS À CRÔNICA DE BLUMENAU	61

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

*Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina*  
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 500,00

Número avulso Cr\$ 50,00 -- Atrasado Cr\$ 80,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 500,00 mais o porte Cr\$ 500,00 total Cr\$ 1.000,00

Alameda Duque de Caxias, 61 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L.

# Você Sabia?...

Frederico Kilian

... que no ano de 1879 havia quatro agências telegráficas em Santa Catarina, sendo uma em Desterro, outra em São Francisco, uma em Itajaí e outra em Laguna? A da Capital da Província, Desterro transmitiu 1.508 telegramas no ano, com 46.906 palavras, arrecadando R\$ 6:233\$400 réis. A de Itajaí transmitiu, no ano, 516 telegramas, no valor de R\$ 1:339\$000 réis. No mesmo período a de São Francisco transmitiu 507 telegramas, no valor de R\$ 1:051\$000 com 14.706 palavras e, finalmente a de Laguna transmitiu, no ano, 441 telegramas, com 12.216 palavras, arrecadando R\$ 989\$000.

... que a linha telegráfica entre São Francisco e Itajaí foi construída entre 1866 e 1867?

... que a MEDALHA DE OURO, com que foi premiada na Exposição Universal de Paris, no ano de 1867, a Colônia Blumenau, foi entregue ao Museu Nacional do Rio de Janeiro, pelo Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas em 1870?

... que em todo o Estado de Santa Catarina, havia, em dezembro de 1878, nada menos que 12.829 ESCRAVOS? — Destes 3.579 na Capital Desterro; 1.221, em São Francisco; 3.046 em Laguna; 699 em Itajaí; 90 em Joinville; 1.531 em Lages; 684 em São Miguel (Biguaçu); 54 em Tubarão; 1.968 em São José e 957 em São Sebastião (Tijucas) e que em Blumenau não existiam escravos por não permití-los o Dr. Blumenau?

... que a Agência de Correios em Lages foi criada em 1862?

... que em 1863 havia apenas cinco linhas regulares de esta-fetas postais em Santa Catarina, sendo a primeira da Capital até São Francisco, 4 vezes por mês; a 2ª de São Francisco, 4 vezes por mês; a terceira da Capital até Laguna, por estafeta e a 4ª de Laguna a Torres, ambas 4 vezes por mês e finalmente a 5ª da Capital a Lages, esta apenas uma vez por mês?

... que exatamente a 2 de abril de 1857, o Dr. Blumenau mandou demarcar os terrenos entre os ribeirões Gaspar Grande e Gaspar Pequeno para a Igreja Católica da Freguezia e o respectivo cemitério?

... que a Lei nº 464 de 4 de abril de 1859 elevou à categoria de Vila a Paróquia do Santíssimo Sacramento de Itajaí, para ser insta-

lada logo que os moradores aprontassem, à sua custa, a casa para as sessões da Câmara e que a Paróquia de Itajaí, até então estava sob a jurisdição do município de São Francisco?

---

... que por provisão de 27 de abril de 1759, Bento da Silva Velloso e Thomé da Silva, dão início à construção da Capela São João Batista da Armação do Itapocorói?

---

... que a primeira embarcação a vapor a entrar a barra e sulcar as águas do Rio Itajaí Açu, foi o barco da marinha de guerra do Brasil, "Dom Pedro", fato este ocorrido a 4 de março de 1857?

---

... que a maior parte do território que constitui atualmente o Estado de Santa Catarina, fazia parte da Capitania de Santo Amaro doada a Pedro Lopes de Souza, irmão de Martim Afonso, fundador de São Vicente?

---

... que o primeiro presidente da Província de Santa Catarina, após a independência do Brasil, e do sistema de Juntas Governativas, foi João Antônio Rodrigues de Carvalho, que tomou posse à 16 de fevereiro de 1824 e governou até 12 de março de 1825?

---

... que Antônio Corrêa Pinto, tendo chegado a 22 de Novembro de 1766 ao sertão de Lages para a fundação de uma povoação deu começo, a 1º de Janeiro do ano seguinte à construção de uma capela de madeira, sob a invocação de N. S. dos Prazeres, no lugar denominado Taipas e que mais tarde, porém, levantou novo templo e assentou a povoação à margem do Rio Caveiras, onde está atualmente?

---

... que os bispados de Joinville e Lages foram criados em 17 de Janeiro de 1927, ocasião em que a diocese de Santa Catarina deixou de fazer parte da Província Eclesiástica de PORTO ALEGRE?

---

... que a Capitania de Santa Catarina foi criada pela Carta Régia, de 11 de agosto de 1738 e que foi seu primeiro governador o Brigadeiro José da Silva Paes, que recebeu o governo do Chefe Militar que ali havia desde o ano anterior, Capitão Antônio de Oliveira Bastos?

---

... que a primeira visita pastoral de um bispo à Sta. Catarina aconteceu em 1814, quando Dom José Caetano e Silva Coutinho veio à então Capitania, para proceder a visita canônica?

---

... que a primeira escritura pública, lavrada no Livro número um do cartório de notas de Blumenau, foi sobre a venda de 400 braças de terras de frente por mil, de fundos, no lugar arraial do Belchior, que pelo preço de R\$ 2:500\$000 fez o Dr. Blumenau a Pedro Wag-

ner, em data de 3 de abril de 1861 e que estas terras constituíram mais tarde a Fazenda Schmalz no final da Rua São Bento?

... que por Carta Régia de 11 de agosto de 1738, foram separados do território de São Paulo, o da Ilha de Santa Catarina e o do Rio Grande do Sul, que fizeram sob o governo do general José da Silva Paes?

... que, no distrito de Paz da Colônia de Blumenau, criado no ano de 1859, por ato da Presidência da Província, não houve, desde logo, eleição para Juiz de Paz, porque pequeno era o número de seus eleitores qualificados (talvez não excedente a 20) para poder-se fazer uma boa escolha que pudesse aproveitar aos colonos? (Nota: a Colônia fora fundada apenas 9 anos antes).

(Excertos do Tomo XII de "Blumenau em Cadernos")

## **Bibliotecas Municipal e Ambulante registraram intenso movimento em 81**

A Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller", vinculada à Fundação "Casa Dr. Blumenau", realizou, durante o ano de 1981, o total de 10.293 empréstimos de obras e registrou 19.211 consultas, principalmente por estudantes.

No relatório anual daquela instituição pública, se informa que foram doadas à Biblioteca Municipal, 1.991 obras e foram adquiridas outras 591, pelas quais foi paga a importância de Cr\$ 96.562,00 mil. Foram cobradas 1.572 inscrições, no total de Cr\$ 15.720 mil e 405 multas, na importância de Cr\$ 6.541 mil.

No início do ano passado a Biblioteca "Fritz Müller" tinha 64.212 obras que, somadas às 3.018 que foram registradas durante o ano, o número de obras totaliza, atualmente, 67.230, segundo o movimento geral referente à 81. Somente no último mês de dezembro, foram registradas 605 empréstimos e 404 consultas, além da doação de 166 obras à Biblioteca e uma obra adquirida no valor de 600 cruzeiros.

### **Biblioteca ambulante**

Intenso movimento também foi verificado na Biblioteca Ambulante, filiada à Biblioteca Municipal "Fritz Müller". De um total de 1.523 obras existentes no início do ano de 81, acrescidas de mais 1.426 obras registradas, totalizando 2.949, no final do ano, foram efetuados 17.740 empréstimos e 315 consultas, por crianças e população em geral, nas escolas municipais e nos bairros de Blumenau.

Pela Biblioteca Ambulante foram percorridas 19 localidades, num total de 121 visitas, registrando-se, ainda, 2.467 inscrições, sendo cobrada a importância de Cr\$ 24.670 mil, além de 22 multas cobradas na importância de 570 cruzeiros.

# Uma injustiça a reparar

Nemésio Heusi

Não basta escrever sobre história, pesquisar fatos, buscar origens, é preciso quando neste mister encontrarmos por acaso alguma distorção histórica, ou mesmo lamentável omissão, como no caso de Fernando Hackradt, companheiro do Dr. Blumenau desde as primeiras horas na província de Santa Catarina com ele fazendo a primeira viagem rio acima em companhia de Ângelo Dias até os últimos momentos no Brasil, isto é, quase 36 anos depois quando se retirou, definitivamente, para a Alemanha, nenhuma homenagem foi prestada a ele pela cidade que ele junto com tantos outros ajudou a fundar nos idos anos de 1850. Mas, por quê? Talvez porque José Ferreira da Silva respeitável jornalista e melhor historiador disse num de seus muitos artigos: "Hackradt a quem ele deixara na Velha, entregando-lhe regular soma de dinheiro para o trabalho indispensável à recepção dos primeiros colonos, não havia correspondido à confiança que Blumenau nele depositara... etc. ....etc".

No entanto, em seu estudo maravilhoso sobre "A Vida e Obra do Doutor Blumenau, ensaio Biográfico" do Dr. Carlos Fouquet, diz textualmente: "A empresa "Blumenau & Hackradt" foi dissolvida em 15 de Outubro de 1850, e em Dezembro o Dr. Blumenau pagou ao seu ex-sócio o capital inicial de 2.800 tálers e a título de compensação pela direção dos trabalhos preliminares. Segundo outras fontes ter-se-ia tratado de 2 contos de réis e mais 800 mil réis, fora os juros sobre o capital."

De fato houve um incidente entre Dr. Blumenau e seu ex-sócio quando Dr. Blumenau voltou da Alemanha para esperar na colônia os 17 primeiros colonos, mas logo depois, quando Dr. Blumenau examinou todas as prestações de contas de Hackradt, verificou que seu ex-sócio agora com toda honestidade, já que todas as despesas estavam, devidamente, comprovadas com os respectivos recibos em perfeita ordem, foi desfeito o mal entendido e os dois voltaram às boas. tanto que, Hackradt, ainda recebeu o que lhe era devido por contrato e ambos continuaram amigos. O erro inicial desse mal entendido partiu do Dr. Blumenau que, teimou em transformar um comerciante, num colono, quando Hackradt sempre lhe dizia... "Dr. Blumenau eu sou tão somente um comerciante, e não um construtor de ranchos e engenhos". Bem mais tarde Hackradt, voltou para o Desterro e alguns anos depois com seu sobrinho Carlos Hoepcke fundou um império comercial que é, ainda hoje, a centenária Carl Hoepcke S.A. de nossos dias.

Estou certo que essa omissão histórica será reparada ainda na atual administração municipal, isto porque, está à frente da Prefeitura de Blumenau Dr. Renato Vianna jovem advogado e um administrador considerado capaz, honesto e extremamente humano, e na

Presidência da Câmara Municipal, um brilhante jornalista defensor intransigente das justas causas de sua cidade, Carlos Braga Mueller que ao tomar conhecimento deste artigo tomará as providências para reparar tão lamentável omissão histórica, prestando uma justa e merecida homenagem a Fernando Hackradt, companheiro de Ângelo Dias, já devidamente homenageado com o seu nome em uma das ruas de Blumenau, e eu felicíssimo, porque tenho certeza absoluta que serão convidados para as homenagens, o Cel. Júlio Werner Hackradt e seu filho, nascido em Blumenau no ano do seu Centenário, afinal são: Bisneto e Tataraneto de Fernando Hackradt que se sentirão felizes e orgulhosos porque foi reparada uma lamentável INJUSTIÇA HISTÓRICA.

Em meu livro, Fernando Hackradt e Dr. Blumenau continuaram amigos, embora tenha havido o incidente, nele mencionado e dialogado, até os últimos dias de Dr. Blumenau no Brasil, isso porque, nas minhas pesquisas nada encontrei que me autorizasse ao contrário, e só fui conhecer o Cel. Júlio Werner Hackradt, quinze dias antes do lançamento de meu livro, já que me telefonou dizendo que fazia questão de estar presente ao lançamento, como de fato esteve, e para ele autografei dez livros para ele distribuí-los entre seus amigos. Foi então quando me contou que na ocasião do Centenário de Blumenau quando foi apresentado à filha de Dr. Blumenau e essa lhe confessara que Hackradt e seu pai mantiveram correspondência até os últimos dias de Dr. Blumenau, dizendo, textualmente: "Foi seu bisavô Sr. Hackradt, um dos melhores amigos de papai e seu leal companheiro de todos os momentos no Brasil. Papai gostava muito do Sr. Fernando Hackradt".

Aí está a verdade histórica, e o meu acerto em mantê-los como dois bons amigos em meu romance. Resta porém que esta omissão histórica seja desfeita e a justa e merecida homenagem a Hackradt feita, para reparação de uma injustiça histórica.

---

## Um quarto de século de circulação

Em Novembro de 1957, surgiu o primeiro número de "Blumenau em Cadernos", publicação idealizada por José Ferreira da Silva.

Cumprindo as finalidades para as quais foi criada, esta revista atravessou os anos e está chegando, em 1982, aos seus 25 anos de circulação ininterrupta, procurando sempre, através do seu fundador e dos que o substituíram na direção e redação, cumprir com as diretrizes estabelecidas desde o início. O acervo trazido em seu bojo, nestes 25 anos de circulação, em benefício da história de nossa região, é grande, pois Blumenau em Cadernos já fez história neste um quarto de século, assegurando assim, para os anos vindouros material valiosíssimo que ficará à disposição dos futuros pesquisadores.

# Escritores na FECART

Encás Athanázio

Por sugestão minha, o diretor da Galeria Municipal de Artes, Guido Heuer, destinou espaço aos autores locais no estande da Prefeitura de Blumenau, na III FECART (Feira Catarinense do Artesanato), realizada no pavilhão de exposições da Citur, em Balneário Camboriú, de 8 a 24 de janeiro último. Embora a literatura não se enquadre estritamente com artesanato, é uma manifestação artística cuja presença ao lado das obras dos nossos artesãos só viria a enriquecer a exposição em termos culturais. Com esse objetivo, diversos autores aderiram à idéia e lá colocaram seus livros: Edith Kormann, José Roberto Rodrigues, José Gonçalves, Lindolf Bell, Martinho Bruning, além de livros coletivos como "Outros Catarinenses Escrevem Assim..." (organizado por Oldemar Olsen Jr.) e "Os contos da FURB", reunindo os premiados nos concursos promovidos por essa entidade.

Imaginou-se também realizar tardes de autógrafos durante a Feira, e para isso lá estive, no dia 15, permanecendo algumas horas em contacto com o público, conversando com as pessoas e explicando aos interessados os objetivos e detalhes da obra literária por mim produzida e ali exposta. O mesmo fez Lindolf Bell, na tarde do dia 22.

Nessas horas em que lá estive fiz algumas observações interessantes. Algumas pessoas revelando conhecimentos a respeito da minha produção e curiosidade pelos planos futuros. A grande maioria, mesmo de nosso Estado, mostrava evidente surpresa diante do fato de que tantos livros fossem produzidos por autores de Blumenau, surpresa que às vezes quase chegava ao espanto quando tomavam conhecimento de que o próprio escritor, em pessoa, ali se encontrava. Mas quase todas as pessoas observavam os livros expostos, sendo poucas aquelas que passavam ao largo, inteiramente desinteressadas.

Creio, pois, que a experiência valeu, não apenas por essas factas curiosas, mas principalmente como mais uma tentativa de levar as letras ao povo. Quanto ao artesanato, bem, isso fica para os entendidos, embora não me exima de dizer que tudo estava bem organizado e que o estande de Blumenau era dos mais freqüentados.

## A História de Blumenau revela:

**Dr. Blumenau enfrenta o difícil e intrincado problema do casamento misto na Colônia — Extensa e importante exposição feita ao Presidente da Província, respondendo acusação do Padre Gattone.**

Transcrito de documento procedente dos arquivos da Baixa Saxônia por José Gonçalves, especialmente para "Blumenau em Cadernos".

"Ilmo. e Exmo. Snr.

Tendo a honra de acusar recebido o officio de V. Excia. de 12 do mês próximo passado que ontem recebi, cumpre-me informar o seguinte sobre a queixa do Vigário da Freguezia de São Pedro Apóstolo, contra o Pastor evangélico desta colônia, a respeito do casamento celebrado entre Pedro Friester e Margarida Schütz.

O fato é verídico e se deu não só desta mas por repetidas vezes, quando o dito Vigário se recusou a benzer um casamento misto e os noivos, bastante presavam sua dignidade como homens e como evangélicos para não quererem assinar um termo degradante sobre a crença dos seus futuros filhos. Este fato pertence à série de fatos de idêntica natureza que os pastores evangélicos desde mais de trinta anos praticavam e ainda praticam nas colônias de todas as províncias, inclusive Petrópolis e inclusive a Corte, aonde são debaixo da immediata inspeção do Governo Imperial, contra os quais alguns padres fanáticos vociferavam e ainda vociferam, como o Vigário padre Gattone, mas que o Governo Imperial e Provincial até agora não impediram e ainda menos julgam puníveis. E tendo-se dado destes já sob a administração do Exmo. Sr. Conselheiro Motta, que reuniu as qualidades de Eclesiástico com as do Estadista e de certo possuía tantos e maiores conhecimentos do direito canônico, das leis do Império e da boa hermenêutica do que o Padre Gattone, muito é para admirar que até não apresentasse suas queixas já há tempo àquele Exmo. Snr. .

Visto a suma gravidade sobre a questão, sobre que já tive a honra de largamente conversar com o mencionado Exmo. Sr. e logo de apresentar-lhe uma memória do que junto cópia, devo á V. Excia. pedir licença para tratá-la e refutar a questão e argumentação do Pedro Gattone algum tanto á fundo, conquanto que tenha a temer tornar-me fastidioso.

Primeiro tenho de observar que a queixa do Vigário Gattone contra o Pastor Hesse contém tanto de contradição e absurdo, como a certo respeito falta a verdade.

Clamando que fosse ofendida e desatendida sua competência, declara-se ao mesmo tempo incompetente ou toma aquela dependente de condições, à que o noivo evangélico não tem obrigação alguma de se sujeitar, que o noivo católico unicamente tem de regular com

sua própria consciência e que enfim o Estado, segundo a Constituição e as leis em vigor não tem dever e obrigação alguma nem motivo para manter em oposição ao espírito do século, em que felizmente vivemos.

O Padre Gattone diz: não **podendo** eu casar á Pedro Priester — casou-se pelo Pastor Hesse — ora se aquele, pelas ordens de seus superiores em matéria da disciplina ficou impedido e se declara incompetente, recusando o casamento, com este assim não aconteceu, conservando-se ele rigorosamente nos limites dos parágrafos 3 a 4 do Artigo 1º do Decreto sobre os casamentos nº 1.141, de 11 de setembro de 1861, o Padre Gattone tão pouco teve motivo para dele se queixar como as autoridades, para proceder sem administrativa e ainda muito menos criminalmente contra o mesmo Pastor. O Padre Gattone, porém, deixa ainda de mencionar importante circunstâncias e ai é que falta à verdade.

Segundo os estatutos e costumes da Igreja Evangélica, combinados com os citados parágrafos 3 e 4, o Pastor Hesse é competente de celebrar os casamentos mistos em que a noiva for de religião evangélica. Segundo aqueles, não é de sua obrigação nem lhe é permitido pedir promessa ou termo algum sobre a futura religião dos filhos de tais casamentos.

Sendo porém a noiva católica e ficando pois competente o pároco católico, o Pastor Hesse constantemente se recusou e recusa a celebrar tal casamento, enquanto o Vigário Gattone não tiver peremptoriamente declinado. Só neste caso ele os celebra segundo as prescrições da igreja Católica e Evangélica o obrigam e as leis do Império não lhe proibem. A meu conselho adotou ainda a regra de reenviar os noivos ao Vigário, para receberem o último aviso dele em presença de testemunhas, e levantar um processo verbal, assinado por estes e as pessoas interessadas; em tais ocasiões o Padre Gattone, infelizmente, já esqueceu de todo a descência que deve ao seu venerando officio, deixando-se arrebatado por impropérios indignos de um homem de educação e mais ainda, de sacerdote.

O Padre Gattone ainda se refere aos impedimentos canônicos como se a disparidade do culto que os Pastores evangélicos tenham de respeitar segundo a lei dos casamentos e também em esta pretensão vai completamente errada. Tão pouco, como a constituição e o juramento do Imperador falam da Igreja e sim da Religião católica, tão pouco também a dita lei menciona impedimentos canônicos "como disparidade de culto, e sim impedimentos que abatem ao matrimônio **católico**. Entre estes se devem pois contar os impedimentos do parentesco e outras tais mas não o daquela disparidade que não pode existir num matrimônio **católico**, como a lei o menciona e sim só num matrimônio misto.

Esta interpretação não tem nada de asqueroso nem forçado, não encerra um constrangimento das consciências como a do Padre Gattone, quanto o Governo Imperial, pelo respectivo regulamento,

não tiver, de maneira absoluta, fixado a execução prática da lei dos casamentos, os evangélicos reclamam esta mesma interpretação e têm maior razão e direito de reclamá-la como a genuína do que um clero ultramontano a oposta.

É o que resta para provar, o que vou demonstrar.

A questão dos casamentos mistos não tem causa alguma com a fé e o dogma da religião, que o Estado, pela Constituição adotou e o Imperador jura manter, mas como a das sociedades monacais, dos jesuítas, dos bens e muitos institutos da igreja, é de meras disciplinas, constituindo em todos os tempos uma **arma política** da cúria romana, que prudentemente deixou na bainha ou empregou com maior ou menor vigor ou indulgência segundo as circunstâncias e interesses do momento. Como esta cúria protestou contra qualquer nova ordem de coisas estabelecida pelos tratados de paz, que acabaram as guerras religiosas da Alemanha e de Viena, etc., contra revoluções e constituições impostas pelos jesuítas, etc., contra toda e qualquer concessão feita por algum Estado ou Governo ao espírito do progresso e da tolerância, como constantemente teve em mira só os seus próprios e os interesses do clero, não se incomodando dos povos e com seus favores e graças como com uma mercadoria, assim também ela e seus ultramontanos sequazes, não poderão mostrar indiferenças e ignorância à lei em questão e o propósito que com ela o Brasil fez sua vereda da liberdade e tolerância. A cúria romana e seus partidários não poderão, pois deixar de protestar, mas a Constituição e as leis do Estado não obrigam ao Governo Imperial, para se prestar à proteção dos interesses reconhecidamente contrários aos do mesmo Estado e a coação e constrangimento das consciências, que não é letra, nem no espírito da lei sobre os casamentos.

Constituindo a lei um progresso e aumento da tolerância religiosa, uma concessão ao espírito do século, digno de um Estado baseado sobre liberais instituições, a priori e, na falta de regulamento e autêntica interpretação, não se pode presumir que o Legislador quisesse perpetuar e de novo legalizar um flagrante constrangimento de consciência, nem prestar a força material, a não dizer bruta do Estado, para oprimir em único benefício da prepotência romana os membros das religiões toleradas que com esforço e grande despeza havia chamado no grêmio do Brasil.

Não há quase dúvida alguma de que o Legislador, pela redação adotada na lei em questão, quisesse solver **indiretamente** o espírito da questão dos casamentos mistos e abandoná-la ao único foro, à que pertence — à conveniência das partes mais interessadas que são os noivos — visto que a via direta ou de um lado, havia de ofender Roma ou do outro profundamente feriu o espírito público em todas as raízes da liberdade da religião. E que não é da intenção do Governo Imperial desbaratar os salutareos efeitos da nova lei e sujeitar de novo os evangélicos ao jugo da força de fanáticos e ultramontanos padres que quase sem exceção vieram do estrangeiro; se pode

concluir de muitas publicações officiosas até de documentos officiais. Em aquellas se levantaram novas queixas contra o Supremo Conselho Eclesiástico da Prússia, quando ele se havia recusado a nomear e mandar Pastores para os colonos no Brasil, alegando que não existiam suficientes garantias de que não se havia esperado pelo regulamento da lei dos casamentos e enunciado opinião muito errada. E mais explicito ainda foi o Relatório das Terras Públicas e da Colnização, peça official apresentada no prazo respectivo ao Sr. Ministro e por este ao Corpo Legislativo. O regulamento, que tem de determinar a execução desta última medida da lei dos casamentos, não tardará muito a ser publicado de modo a remover quaisquer escrúpulos e prevenções em assunto desta ordem; assim como não pode ser mais objeto de dúvida ou desconfiança na Europa, que a mais perfeita tolerância religiosa, tal qual proclamou a Constituição política do Estado, é observada nas colônias existentes”.

A presente questão, Exmo. Snr., - devo repeti-lo -, é de suma gravidade e encerra em si um futuro' inteiro! Se o Governo Imperial na sua sabedoria julgar que a interpretação da lei, como os evangélicos têm direito e razão; de esperá-la e a reclamação não é a genuína; se esquecer, constrangir, a se curvar sem recurso às exigências e à prepotência dos padres ultramontanos, exigências que repelem como atentações à sua dignidade e como opressão da sua consciência; se enfim, quer vedar aos pastores evangélicos que celebrem casamentos mistos, que o competente pároco católico se recusa a benzer, só porque o noivo não se quer prestar à asseguração de um termo degradante — então sim, Exmo. Snr., os inimigos do Brasil terão razão em chamar seu Governo e povo intolerantes e em absolutamente desaconselhar a todos os evangélicos a emigração para este país! Então sim, estes inimigos hão de jubilar e perante o mundo se gloriar da sagacidade com que penetraram a dissimulação e falares promessas da boa razão com que cessarão de advertir os incautos emigrantes a hostilizar o Governo Brasileiro; então enfim, os fanáticos e ultramontanos igualmente hão de jubilar de seu funesto triunfo — mas os verdadeiros amigos e valorosos defensores, durante decênios, do Brasil, entre os quais com orgulho me posso contar e conto, se deverão cobrir de luto e para sempre calar-se!

Se o Governo Imperial assim julgar e não imediatamente adotar o expediente do **casamento civil facultativo**, as funestas consequências ainda serão muito mais amplas. A discórdia e os rancores hão de substituir, nas colonias a paz e harmonia; a desmoralização e desordem, a moralidade e o sossego, o concubinato ao honesto matrimônio; a opressão há de provocar a opposição e a eles não deixarão de seguir as perseguições. E afinal, no século XIX, no século das luzes o atônito mundo civilizado há de assistir ao inaudito espetáculo por causa da religião, para fugir ao constrangimento da consciênciã — e isto do Brasil, que se gloria de Governo e Instituições liberais!

Um homem que se preza a si mesmo, não **pode** assinar, não há **de jamais** assinar um termo, como os ultamontanos o exigem sobre a futura religião dos seus filhos e preferirá viver no concubinato, do que curvar-se a tão violenta coação — mas o Estado como tal de certo não pode ver com indiferença, nem lucrar em que a verdadeira moralidade fique sacrificada ao triunfo do jesuítismo e ultramontanismo.

Pondo eu na conversa que sobre estes assuntos tive com o Exmo. Snr. Conselheiro Motta e em que Sua Excia. sobre as pretensões do Padre Gattone **literalmente** disse. “somos no Brasil e não na Áustria com a concordata de Francisco José” — e pergunta se um homem que prezasse sua dignidade, se Sua Excia. em caso dado jamais podia e se havia de prestar a assinar um dos mencionados termos, a resposta consistia na única palavra — “nunca!” — coerente com o despacho do mesmo Exmo. Snr. sobre os batismos.

Não me atrevo, para propor a V<sup>a</sup> Excia. a mesma pergunta, mas estou convencido de que a resposta não havia de ser diferente da que aquele distinto Estadista e antecessor de V<sup>a</sup>. Excia. me deu e com que como também com o despacho sobre a competência do Pastor evangélico para batismos, tranquilizou o espírito dos membros da mesma congregação, estabelecidos nesta Província.

A atual denúncia e pretensão do Padre Gattone, de novo os lança na incerteza e ansiedade — na mão de V<sup>a</sup>. Excia. é dado livrá-los deles e restituir-lhes paz e sossego ou carregá-los com a demasia da desenvolvura e tribulação!

Deus Guarde a V<sup>a</sup>. Excia. — Colônia Blumenau, 16 de fevereiro de 1863. — Ilmo. e Exmo. Snr. Pedro Leitão da Cunha — Dig<sup>n</sup>íssimo Presidente da Província. — Assinado — Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau — Diretor”.

---

## **Prefeitura está implantando projeto pioneiro de aproveitamento energético do lixo**

O Diretor do Departamento de Serviços Urbanos da Prefeitura Municipal de Blumenau, Mauro Rodrigues de Mello, informou à imprensa que encontram-se em fase de implantação quatro programas que compõem o Centro de experimentação e Pesquisa de Aproveitamento do Lixo de Blumenau, no Km - 1 da BR-470, bairro Itoupava Norte, cujo prazo de implantação e operação, com a devida assistência técnica, está programado para uma média de 15 meses, a contar de dezembro de 81.

O Projeto, que visa o aproveitamento energético do lixo do Município é pioneiro em todo o Brasil, tanto que obteve o apoio da FINEP — Financiadora de Estudos e Projetos de Pesquisa — órgão ligado à Secretaria Especial de Planejamento da Presidência da República. O Projeto global prevê o aproveitamento do gás metano do

atual Aterro Sanitário; a melhoria da compostagem artesanal; a implantação de um Aterro Sanitário Energético, bem como de um Biodigestor Urbano — Biodurb, o maior da América Latina.

Com referência ao custo dos quatro programas do referido projeto, Mauro Rodrigues de Mello, esclareceu que o destino sanitário do lixo é um custo social inerente à qualquer Prefeitura, salientando, porém, que neste Projeto existe um apoio financeiro da FINEP, na ordem de 40 milhões de cruzeiros para a realização parcial das obras.

#### **Aproveitamento do gás**

Encontra-se em implantação o Programa de Aproveitamento do Gás Metano do atual Aterro Sanitário. A indústria Intesa (malharia), localizada ao lado do atual aterro, está aproveitando o gás produzido atualmente, na ordem de 1.500 litros diários, com previsão de aumento, já que estão sendo perfurados novos chaminés que permitem a vazão e captação de gás do Aterro. O processo de utilização do gás é feito pela captação, passando em seguida para a armazenagem em um gasômetro, seguindo por uma canalização até a caldeira da Malharia. A previsão é de que, em fins de março, o gás já esteja sendo queimado na referida indústria, segundo Mauro Mello. A atual caldeira da Malharia consome 77 quilos por hora de óleo combustível, que será substituído pelo gás metano.

#### **Compostagem artesanal**

Mauro Mello informou que a produção atual de composto orgânico (transformação de lixo em adubo) no atual Aterro Sanitário é de 2 a 3 toneladas por dia. Esta produção será ampliada, através de uma esteira de triagem e um moinho triturador, para 30 a 40 toneladas por dia de compostagem, assegurou.

#### **Aterro Sanitário**

Quanto ao terceiro programa, do Aterro Sanitário Energético, Mello esclareceu que o mesmo será implantado em parte do Campo - 2 (à esquerda do acesso do atual Aterro convencional, que já está em sua última camada). O atual Aterro foi feito em camadas de 2 a 3 metros de altura e está em fase final de execução.

O Aterro Sanitário Energético será feito com uma só camada, de aproximadamente 8 a 10 metros de altura, com o mais perfeito sistema de drenagem, para captação de gases e recirculação de líquidos, para ativar a fermentação, bem como uma impermeabilização superficial com uma lona plástica e cobertura de terra.

#### **Biodigestor - Biodurb**

Também se encontra em fase de implantação o maior Biodigestor da América Latina, segundo Mauro Mello, destinado ao processamento de lixo, com capacidade para 500 metros cúbicos de massa, devendo este módulo produzir cerca de 250 metros cúbicos de gás por dia.

Antes de entrar no Biodigestor, o lixo permanecerá na esteira de triagem e no moinho triturador, os mesmos que serão utilizados no Programa de compostagem.

# Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Exertos do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), publicado na colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Continuação do artigo publicado no dia 22 de abril de 1871, de autor anônimo, que assina P.

## SAMBAQUIS - I

O material dos sambaquis locais é constituído, ora por cascas de ostras somente, ora por uma espécie de conchas pequenas, berbigãos, ora pela mistura das duas qualidades, e os mesmos moluscos ainda hoje são encontrados em abundância nos riachos do Litoral, desde a sua foz até o limite da maré, assim como nas enseadas e baías rasas mais próximas. Os sambaquis mais distantes da orla marítima são os mais antigos, suas conchas já estão mais deterioradas e de pequeno teor de cal, tanto é que de alguns montes já não se extrai mais cal. Os montões mais próximos ao mar são, evidentemente, mais recentes e as suas conchas, queimadas, fornecem porcentagem mais elevada de cal e além disso as cascas de ostras produzem cal de melhor qualidade do que as de berbigões, porque as valvas são maiores e mais duras e por isso mais resistentes à ação do tempo. Seria tarefa das mais difíceis, estabelecer a idade dos sambaquis, no entanto é provável que tenham centenas de anos e não milhares, pois neste último caso, as conchas já estariam reduzidas a pó ou então petrificadas.

Já se discutiu muito e sempre sem resultado positivo, sobre a origem dos depósitos de conchas. Sabemos que se encontram sambaquis em toda a extensão da costa da América, tanto a Leste como a Oeste, assim como também existem nas costas do Mar Mediterrâneo e em outras regiões marítimas da Europa.

## SAMBAQUIS - II

Alguns estudiosos são de opinião que devemos a sua existência a grandes inundações e a cataclismos da Terra. Assim também o escritor português, o Monge Madre de Deus, que escreveu um livro sobre os sambaquis brasileiros, atribui a sua formação ao Dilúvio, e bem recentemente, o naturalista Agassiz, opinando sobre os sambaquis existentes à margem do Rio Amazonas, admite a possibilidade de terem sido originados por forças da natureza, e o cientista norte-americano, professor Hall, que acaba de pesquisar a formação geológica da provincia do Pará, opinou sobre a acumulação de espécies de conchas ainda existentes na correnteza, perto da cidade de Santarém,

atribuindo a sua presença à mudança do leito do Rio Amazonas, responsável pela elevação sucessiva do solo, na era atual. Outros pesquisadores já são de opinião que os acúmulos de conchas sejam resultados dos hábitos de vida de povos muito primitivos, que se alimentavam somente de moluscos, consumindo-os em tamanha quantidade, que das cascas foram se formando com o tempo enormes montões. Baseiam-se eles na existência de acumulações semelhantes nas costas Da Dinamarca, formadas de espinhas de peixes, ossos de animais e de outros restos de comida, provavelmente ocasionadas pelo homem, as quais ainda hoje são chamadas de "restos de cozinha". A observação do dr. Kotschy, feita durante a sua viagem pela Tartária, parece confirmar tais asseverações. Encontrou ele, naquela região, nas proximidades de todas as aldeias, montes mais ou menos elevados, alguns mesmo com duzentos pés de altura, descobrindo após minuciosas pesquisas, que os mesmos se formaram e ainda continuavam aumentando, porque todos os habitantes do lugar depositavam o lixo e outros restos de cozinha num mesmo lugar, e assim, no correr dos séculos dependendo da população existente, se formaram aqueles montes de várias proporções. Basta citar um exemplo daqui mesmo: um brasileiro dos arredores conseguiu formar uma grande caieira juntando cuidadosamente todas as cascas no mesmo lugar, dos moluscos consumidos em sua casa, no decorrer do tempo. Outro estudioso, viajando pelo Chile, chegou à conclusão de que os sambaquis resultam da ação humana, de maneira que acreditamos que os nossos tenham a mesma origem. O maior dos dois montes existentes à margem do Rio Velho, foi minuciosamente examinado pelo Conde Baril de la Hure, encontrando ele não apenas simples conchas mas também ossos de seres humanos, de quadrúpedes e de aves. As partes de caveiras encontradas apresentavam uma estranha espessura dos ossos e os dentes dos maxilares ainda estavam em perfeito estado. As ossadas dos animais eram de espécies ainda hoje existentes na floresta. Entre as diversas camadas superpostas de conchas, apareciam, frequentemente, enormes manchas negras, que pareciam oriundas de cinzas, assim como também caroços sapecados de frutas silvestres.

Nas primeiras camadas do sambaqui a margem do Cachoeira, que atualmente está sendo explorado, encontrou-se um esqueleto perfeito de mulher. A parte posterior da cabeça era surpreendentemente grande e os dentes perfeitamente conservados. Foram ali também descobertos vários utensílios de pedra, algumas das pedras talhadas como formão, que, provavelmente, serviam para abrir as grandes ostras, cujas cascas existiam naquele amontoado. Tais instrumentos de pedra com toda a certeza, não foram trazidos pela correnteza, pois as pedras sempre afundam.

(Continua)

# HISTÓRIA ROMANCEADA DE BLUMENAU E DO SEU FUNDADOR

Nemésio Heusi

(Continuação do nº anterior)

## A ANTEVISÃO DE UM IMPÉRIO COMERCIAL

### I

Em 1863, juntamente com muitos imigrantes que chegaram à Colônia, uma família de quatro membros foi recebida com especial carinho pelo Dr. Blumenau.

É que Ferdinando Hackradt, comunicara ao seu ex-sócio, que sua irmã ficara viúva e estava a caminho da Colônia acompanhada de seus três filhos, uma moça e dois rapazes, e que o responsável pela família era um jovem de apenas 19 anos, que com a morte do pai assumira a total responsabilidade de toda a família.

Depois de muito estudarem qual o rumo a tomar e conhecendo as publicações do Dr. Blumenau espalhadas por toda a Alemanha sobre a sua Colônia bem como várias cartas recebidas do tio, convidando-os para virem para a Província de Santa Catarina, decidiram embarcar com destino a Itajaí, em meados do ano de 1863, avisando, com muita antecedência, ao tio, comerciante no Desterro, que imediatamente escreveu ao seu ex-sócio, comunicando a chegada de sua irmã e filhos, dentro em breve, e que ele ficasse de sobreaviso a tudo que eles necessitassem atendessem porque ele assumiria toda a responsabilidade.

O Dr. Blumenau, depois de recomendar a Reinhold, seu sobrinho, de recepcionar os imigrantes, disse mais:

— Reinhold! Toma muita atenção quanto à Família Hoepcke. Leve-a imediatamente à minha presença, a qualquer hora do dia ou da noite, pois trata-se de uma irmã de Hackradt e seus filhos e ele pediu-me para lhes dar toda a atenção. E é o que vamos fazer pelo muito que nos merece a Hackradt.

E numa manhã fria de julho de 1863, a viúva Hoepcke e seus três filhos entraram no escritório da administração, levados por Reinhold:

— Dr. Blumenau, aqui estão os Hoepcke — disse Reinhold, cumprindo os ordens do tio.

— Muito bem, obrigado, Reinhold. E dirigindo-se aos recém-chegados, disse-lhes: — Eu sou o Dr. Blumenau e já sei que vocês são os Hoepcke, parentes do meu ex-sócio, sr. Ferdinando Hackradt, que me escreveu pedindo para lhes dar toda a assistência.

— Muito obrigado, Dr. Blumenau! — Quem falava pela família era o jovem Carl Hoepcke, o filho mais velho, de apenas 19 anos. Aqui estamos para trabalhar inicialmente na lavoura como colonos.

— Muito bem, meu jovem, já escolhi o lote de vocês, no ribeirão

do Garcia. Vamos nos tratar logo com intimidade, pois é assim que nós, colonos, costumamos fazer.

Quando o Dr. Blumenau viajou, em 1865, os Hoepcke já progrediam satisfatoriamente e montavam, na época, um engenho de açúcar, fornecido por Ferdinando Hackradt, que tão logo soube da chegada, foi ao seu encontro na Colônia.

No regresso do Dr. Blumenau quatro anos depois, este logo no segundo dia foi visitar os Hoepcke. E Carl Hoepcke, ao recebê-lo, lhe disse:

— Interessante, vamos neste momento à sua casa, pois somente agora é que soubemos da sua chegada na companhia de sua esposa e filho. Mamãe ainda está se preparando.

— Pois bem, quero cumprimentá-la e convidar para que vocês quatro jantem hoje conosco. Aceitam?

À noite, depois do jantar, o Dr. Blumenau segurou Carl Hoepcke pelo braco e levou-o para a varanda, a fim de conversarem.

O jovem, já então com 25 anos, contou os seus planos para o colonizador, que o escutava atento e interessado.

— Dr. Blumenau, este ano acabamos de pagar o engenho de açúcar fornecido pelo tio Ferdinando. O fornecimento de açúcar só para o Desterro, sobe a mais de duzentas sacas, além de outros fornecimentos. Estamos com um saldo a nosso favor de mais de dois contos de réis.

— Excelente Carl! Maravilhoso!

— O Sr. sabe que eu sou guarda-livros e o tio Ferdinando está insistindo para que eu vá, com toda a família para o Desterro, para tornar-me não só seu guarda-livros, como também seu sócio. O que o Sr. acha, Dr. Blumenau?

— Acho muito boa a idéia. Sempre achei Hackradt um grande comerciante e sei que a sua firma no Desterro vai muito bem.

Você tem, Carl, algum plano em vista?

— De há muito, Dr. Blumenau, acalento um velho sonho: Implantar, modéstia à parte, aqui na Província de Santa Catarina, um "Império Comercial".

— Im... pé... rio?

— Sim, Dr. Blumenau. Digo-lhe mais, um "Grande Império Comercial", com ramificações por toda a Província.

É um sonho! Uma antevisão! Que de há muito venho alimentando intensamente, em meu pensamento. Sou jovem e corajoso e estou vivendo num país jovem!

— Você, Carl, é um jovem audacioso, empreendedor! Como colono, em tão pouco tempo, já deu provas de sua operosidade, graças à qual conseguiu tanto sucesso.

Vamos, Carl, analisar, por exemplo, o seu caso. Eu também fui um sonhador e, contra a vontade de meus pais, eu me aventurei nesta empreitada. Embranqueceram meus cabelos, mas era o meu ideal maior. E lutar por um ideal é lutar por uma nobre causa!

E hoje o meu sonho, aos poucos, tomá forma segura de uma realidade plausível. Que se sente, se toca e se vê!

— Sem dúvida, Dr. Blumenau, a sua Colônia já é hoje uma admirável e promissora realidade. Veja o nosso caso!

— Muito obrigado, Carl. Mas, qual é o teu sonho comercial?

Ele sorriu, porque pela primeira vez iria contar o que de há muito bailava em seu pensamento de jovem ambicioso e responsável. E o interesse do Dr. Blumenau em querer ouvi-lo, muito o alegrava.

— Dr. Blumenau, o que eu sonho é com uma grande firma comercial, comissária e consignatária de todos os colonos da Província de Santa Catarina. Onde houver uma Colônia, como a sua, estaremos com a nossa firma, a nossa filial, entregando material e recebendo em troca a produção dos colonos que, assim, não precisarão vender as suas mercadorias nos mercados consumidores. Nós as apanharemos em suas lavouras o que eles produzirem e lhes entregaremos tudo que necessitarem. A circulação de suas riquezas será feita por nós, porque aproveitamos, ao apanhar a sua produção, levar tudo que precisam para produzir. E tudo faremos à base de consignações.

— Você já expôs este plano ao seu tio?

— Ainda não. Ele só esteve aqui assim que chegamos e sempre nos escreve pedindo para irmos morar com ele, pois tem os seus planos para conosco lá no Desterro.

Ele virá, no dia dois próximo, para a festa dos Atiradores.

— Quanto ao seu maravilhoso sonho que é o seu ideal, Carl, eu tenho a lhe dizer com a máxima sinceridade, você, Carl, é um jovem responsável. Bem cedo assumiu a direção da família e todos, felizes, prosperam. Só os capazes podem tornar os seus sonhos em realidade. Sim, pois só os idealistas têm força e capacidade para enfrentarem as vicissitudes da vida com altruísmo e coragem, não deixando morrer o seu ideal face aos primeiros tropeços e dificuldades que surgem a cada passo de sua caminhada em busca do sucesso!

Lembro-me agora, Carl. Quando fizemos a primeira viagem à procura do lugar para nos localizarmos neste rio maravilhoso, Hackradt falou-me ligeiramente numa firma de consignação ou coisa parecida. Tenho a impressão, Carl, que quando falares ao teu tio sobre o teu sonho, os ideais de ambos, vocês vão tornar possível, se unida a experiência do teu velho tio à vontade hercúlea da tua mocidade, este grande projeto. Assim, a tua antevisão de um império comercial, pode se coroar de êxito. Do mesmo modo como consegui com a minha Colônia. Espero que em breve nela se instale a primeira filial da tua futura empresa.

— Dr. Blumenau, asseguro-lhe que a sua vontade é o meu compromisso de honra.

— Que a Providência me dê vida para poder assistir à inauguração de tua filial em nossa Colônia, num futuro não muito distante, Carl.

— Muito bem, Dr. Blumenau — disse-lhe Carl Hoepcke —, ru-

xando o seu relógio do bolso. O Sr. sabé que horas são, Dr. Blumenau?

— Não, meu caro.

— São quase 10 horas da noite. E amanhã cedinho o canavial nos espera. Vou entrar e convidar mamãe para irmos, pois ela quando fala com recém-chegados sobre a Alemanha, perde a noção do tempo.

— Bertha Louise também. No mínimo estão conversando sobre Hamburgo. Mas, como vai de português, Carl?

— Mais ou menos. Estamos todos freqüentando as aulas do professor Fernando Ostermann que, aliás, é excelente e dedicado mestre de português, Dr. Blumenau.

— Ótimo, Carl. O que é preciso é que se fale muito o português, certo ou errado, mas que se fale sempre que possível em português entre vocês, Carl.

— É o que fazemos, Dr. Blumenau. Mas, confesso, acaba sempre em risadas, porque é como se andássemos às escuras, aos tropeços.

— É isso mesmo o que acontece, Carl! Mas, insistam, que acabam aprendendo.

— Bem, Dr. Blumenau, com licença. Vou convidar mamãe para irmos.

— Muito bem, Carl. Então o nosso próximo encontro será no dia dois de dezembro, na grande festa dos Atiradores, comemorativa dos seus dez anos de existência. Espero encontrar também Hackradt.

— Pelo menos é o que ele nos prometeu.

Bertha Louise, na varanda, abraçada ao seu marido, comentava, vendo os Hoepcke se afastarem:

— Lá se vão, meu querido, os teus amados colonos, lanternas na mão!

— Não é um espetáculo original e lindo para você, querida?

— Maravilhoso! Maravilhoso, meu querido!

## A FESTA DOS ATIRADORES

### I

Muito pouco a Colônia progrediu e mudou de aspecto durante a ausência do Dr. Blumenau.

A população subiu para 3.000 almas, ou seja, cerca do dobro de habitantes que havia por ocasião da sua partida.

Alguns dos colonos haviam atingido a embocadura do rio Benedito e o rio dos Cedros, região que tanto o empolgou pela sua beleza selvagem e onde ele e Ângelo Dias acamparam por três dias, admirando a imponência e a majestade da mata virgem, a serenidade das águas claras e límpidas que permitam se ver os peixes que pareciam brincar, acompanhando a canoa, que deslisava suave sobre as águas translúcidas do rio.

O festivo dia 2 de dezembro de 1869, quando todos comemora-

vam a primeira década de fundação da Sociedade dos Atiradores e dia do aniversário de D. Pedro II, escolhido que fora como uma homenagem da Colônia ao seu amigo que por ela tanto fazia, amanheceu, ensolarado, como um convite para as festividades.

As 6 horas da manhã, já todos estavam formados em fila dupla, em seus trajes típicos defronte à casa do Dr. Blumenau, de onde começaria a marcha pelas ruas da Colônia até a sede da sociedade. Ouviram-se os tiros dos morteiros, que eram o toque de alvorada, revivendo esse medieval festejo popular germânico, transportado agora para as selvas da Colônia, com toda a sua característica sempre preservada dos reis do "Tiro ao Alvo" e do "Tiro ao Pássaro", conservando os traços originais revestidos de muita beleza e colorido.

Neste ano, porém, os festejos eram muito especiais, porque comemorativos também do regresso do Dr. Blumenau, depois de uma ausência de quatro anos em viagem pela Europa. E ainda com uma novidade por todos muito esperada, qual seja a do seu casamento em Hamburgo.

Quando o Dr. Blumenau ouviu o primeiro tiro de morteiro, abriu a porta e apareceu com o seu filho nos braços, ao lado de sua esposa. Todos o saudaram com muitas palmas e vivas, exclamando com entusiasmo: "Pai Blumenau, seja bem-vindo!"

Tanto ele como a sua esposa não puderam conter as lágrimas de emoção e gratidão, e dentro em pouco eram colocados na frente da multidão que saiu marchando e cantando canções regionais, ao toque da bandinha, até a sede da Sociedade de Atiradores, onde já estavam formados os heróis que voltaram, cobertos de glórias, da Guerra do Paraguai, sob o comando do Capitão Victor von Gilsa. Estavam também o sub-comandante Tenente Emilio Odebrecht, Alferes Guido von Seckendorf, Jilio Sametzki e Carlos Guilherme Friedenreich, Alferes-cirurgião. Logo a seguir, foi lida a lista dos "Heróis da Guerra do Paraguai", que constava de 7 oficiais e 112 soldados do "Contingente de Voluntários da Pátria, Alemães".

Depois foi feito um minuto de silêncio em memória dos heróis que tombaram lutando nos campos de batalha e sob o rufar dos tambores, foram lidos os seus nomes:

Christian Müller; Otto Lobadan; Hermann Kuchendahl; Eugen Kurz; Guilherme Fischer; Lui Hoffmann.

O Dr. Blumenau, visivelmente comovido, falou sobre os "Heróis do Paraguai", dizendo do elogio que lhes fizera o Barão do Rio Branco quanto à bravura dos colonos alemães e do seu sacrifício em defesa do Império, num magnífico exemplo de patriotismo e civismo.

Durante três dias, os festejos continuaram em disputa do campeonato de Tiro ao Alvo e Tiro ao Pássaro.

As senhoras, em vários jogos, disputavam muitos prêmios. E todas as noites os bailes iam até a madrugada.

O último dia dos festejos era consagrado aos campeões e vice-campeões dos tiros, o que consistia na afixação dos seus nomes no al-

vo de 80 cm<sup>2</sup>., que mostrava o melhor tiro ao alvo da festa, afixado este no salão de danças, nas paredes laterais. Era este o décimo alvo colocado e o foi especialmente, pelo Dr. Blumenau, sob vibrante salva de palmas e cumprimentos ao campeão e vice-campeão, que se obrigavam a pagar a cerveja durante toda a noite até o término dos festejos.

O último baile durou até o amanhecer e novamente uma nova marcha, tendo a senhora Bertha Louise e o Dr. Blumenau à frente, seguidos da bandinha e da multidão, que cantava marchinhas regionais. E assim foi dada por encerrada a "Festa da Primeira Década da Sociedade de Atiradores".

Da porta de sua casa, o Dr. Blumenau esperou até que a multidão se dispersasse e voltassem todos para as suas casas.

\*\*

### A MULTIPLICAÇÃO DOS TEARES

Em 1870, no dia em que a Colônia completou 20 anos de existência, o Dr. Blumenau leu o seu relatório na reunião comemorativa da diretoria da Colônia, comentando que a população, nesses 20 anos, era de 5.985 almas, que compunham 1.340 famílias.

Ocorreram neste período, 1.306 nascimentos e 420 óbitos.

Crescemos, diz o relatório, em todos os sentidos. Aumentaram os engenhos de açúcar, arroz, farinha, as serrarias, os alambiques, as olarias, enfim, a nossa Colônia já é uma realidade. E o que mais lhe enchia de satisfação era que a "população nativa", nestes vinte anos, aumentou para 578 almas, o que representava um índice bem animador, já que naquele ano de 1870 poucos colonos viriam, em virtude da guerra entre a Alemanha e a França.

Na visita que fez naquele ano à Colônia, o Presidente da Província, Dr. Manuel da Fonseca Galvão, por vários dias falando sobre o Dr. Blumenau e a sua administração, disse que o seu sucesso devia-se: À simplicidade, sinceridade e lealdade do Dr. Blumenau para com os seus colonos, que, sem fausto e até pobremente, a fim de poder socorrer o próximo, desprezando as aparências e palavras ocas, e trabalhando ativa e conscientemente pelos seus colonos que o queriam "como pai". Tinha a grandeza de sua Colônia como o objetivo primordial da sua vida de colonizador".

Já o futuro da Colônia estava assegurado, todo o trabalho do Dr. Blumenau de agora em diante e durante todos os anos que se seguiriam, era a sua transformação em município mas, não queria também perder de vista o seu desenvolvimento industrial, em todos os sentidos, sobretudo a indústria têxtil, a qual ele achava ser possível implantar em sua Colônia, atraindo os hábeis tecelões da Saxônia.

O Dr. Blumenau bem sabia que na Saxônia estavam as mais tradicionais indústrias têxteis da Alemanha. E quando da última viagem do seu sobrinho Reinhold Gaertner à Alemanha, recomendou-o para visitar a Saxônia, procurando atrair têcelões para a sua Colônia.

A guerra franco-alemã acabou por proclamar o "Império Alemão", em Versalhes, a 18 de janeiro de 1871, e a Alemanha se tornou "prussianizada", com Bismarck.

Com Bismarck no poder, difficilima se tornaria a emigração alemã para o Brasil.

Como conseqüência do Império Alemão, em 1875, sobreveio a bancarrota vienense, prejudicando muitos comerciantes e industriais da Saxônia.

Estava, portanto, no momento exato do Dr. Blumenau atrair para a sua Colônia os tecelões da Saxônia, em caráter particular e voluntário.

Em 1876, um de seus colonos, Erns Weise, procurou o Dr. Blumenau e lhe disse:

— Estou de viagem marcada para a Saxônia, Dr. Blumenau. Em minha cidade, Hertha, a situação não está boa e vou ver se trago os meus parentes para aqui.

— Excelente, Weise! De fato, a situação na Alemanha não está boa, e a fundação do Império Alemão, com Bismarck, vai exigir do povo alemão muito sacrificio e a emigração alemã sofrerá severas restricções, já que Bismarck é, notoriamente contra essa emigração. Mas, em caráter particular, poderão ainda vir muitos alemães e eu espero, Weise, que você faça um bom trabalho junto aos seus patricios; Reinhold Gaertner, meu sobrinho, já esteve lá distribuindo a nossa propaganda. Descubra os tecelões de lá que são os melhores de toda a Alemanha e convença-os a virem para a nossa Colônia.

— Farei tudo para convencê-los a virem para aqui. Aliás, como um dos fundadores da nossa Sociedade Cultural, em 1863...

— É verdade, vocês são três, não é?

— Somos, sim! Eu sou Ernst, tem mais dois: Heinrich e Wilhelm.

— Quando emigraram, Weise?

— Em 1853.

— É, figuram entre os primeiros, já que os primeiros 17 vieram em 1850; depois mais 8 em 51; em 52 mais 110 e em 53 apenas 28 e entre eles estão vocês, não é, Weise?

— Exatamente, Dr. Blumenau.

— Pois bem, Weise, que faça muito boa viagem e regresse logo, alcançando sucesso.

(Continua no próximo número)

# La Striga

Alfredo Scottini

Da frente da igreja matriz de São Francisco de Assis, em Rodeio, vê-se um vale embutido entre montanhas pedrentas. Pelo meio do vale, foge uma estradinha entre arrozais e pastos, perseguindo a encosta montanhosa, seis quilômetros além. Hoje, está pontilhada de casas. Mas, outrora, perdia-se entre arvoredos, matas e se animava pelas inúmeras capelinhas que os italianos religiosos ergueram à Madona e aos santos. Lá é São Pedrinho, ou o "Sant Pierolin", no dialeto tirolês.

O lugarejo teve horas momentosas de permeio os bruscos inigrantes. Ouvi de alguém a história da "striga" — a bruxa. Houve uma de mau caráter e péssimos hábitos. Não metamorfoseava seres humanos em sapos, fazia, porém, estrepulias e distribuia maldades, como quem tempera quitutes. Vivia a terrível mulher, já viúva, em local ermo e na companhia de um filho, que lhe morreu jovem. Os homens hostilizavam a infeliz e as boas senhoras se benziavam à passagem dela. Era vista como parceira íntima de satanás.

Uma tarde de verão, o sol metralhava com calores mormacentos por todos os lados. A feiticeira andava pela estrada, devagar e suante. Ao passar por uma roça de tabaco, levantou os olhos e atirou: "buona sera". Estavam a podar os pés de fumo. Ninguém lhe retribuiu a saudação. Temia-se todo e qualquer contacto. Nem por isso deixou ela de prever as futuras desventuras dos plantadores de fumo. Disse lhes que pouco colheriam da enorme plantação. Riram-se eles, mais de medo, que de incredulidade. A pouco e pouco, o sol foi encoberto e a terra se entrevou. Roncos de trovoadas e relâmpagos foram espoucando esparsamente. Não tardou a ventania. A chuva despençou e o granizo bombardeava as plantas. A tempestade invadiu a noite adormeceu antes do primeiro canto dos galos. No dia seguinte, só se viam talos de fumo e poucas folhas esburacadas. A plantação estava destruída. Para o povo, arte da bruxa...

Doutra feita visitou a vecchia Gonda. Esta tinha três chocas enfileiradas, cada uma com 18 ovos. A megera riu e riu alto. Nem deixou a boquiaberta matrona interrogá-la e já lhe pespegou a novidade: "Destá sairá um pintinho, dessa dois e daquela três". Foi-se rindo. Não recebeu favores, não tomou café, mas deixou a sua marca plantada. Meses depois veio o resultado: — seis mirrados, pintainhos, tal qual fora previsto. Não adiantava fermentar raivas. E a bruxa foi semeando ventos. Tempos após um senhor caiu extremamente doente. Constatou-se que fora um vinho enfeitado. O homem morreu e morreu com ares de santo.

Todo o povilêu se reuniu. Carregaram uma carroça com pedras e pararam em frente à choupana da bruxa. Já estava anoitecendo. As pedras choveram. As palhas do teto caíram e as tábuas se estilhaçaram. Já tinham acabado as pedras, quando chegou a velha Gonda. Na

falta de pedras, atirou um estepe enorme em cima das ruínas, corréo paga pelos pintos não nascidos. A bruxa e o filho, ainda, se escondiam na floresta escura.

Depois desses fatos, o delegado recebeu as reclamações e obrigou a todos os homens implicados no apedrejamento a capinarem o milho da bruxa. Foram com muito prazer. Maldosamente, porém, passaram a enxada por baixo das raízes e o milho secou todo ao calor do estio. A justiça não sabia mais o que fazer. As ações da justiça foram sendo esquecidas e a infeliz continuou a sofrer toda sorte de pressões de todos e acusada por tudo que viesse de mal. Morreu-lhe o filho e após certo tempo acabou na cadeia, onde faleceu maltratada. A história andou longe e serviu para arregalar os olhos de muitos netos dos primeiros e primitivos imigrantes. E como se diz por lá: "se non é vero, é trovato".

## CURIOSIDADES DE UMA ÉPOCA — X

### Piscina flutuante

S. C. Wahle

Nos fundos da antiga residência dos Braga, localizava-se um porto de canoas. Era a continuação da rua Bom Retiro, atravessando a Rua 15 de Novembro. Junto a este porto de canoas, o Sr. Krause construiu uma piscina flutuante de ripas de madeira e com vestiários no topo. Esta piscina, quando nova, era muito freqüentada, principalmente pelo elemento feminino. Tinha uma grande desvantagem; é que nos períodos de chuvas, a água barrenta não permitia o seu uso. O Sr. Krause era simultaneamente instrutor de natação. Ao que tudo indica, e ao que posso me lembrar, a freqüência era boa e o ambiente muito sério. A piscina, entretanto, não dava lucro, e o Sr. Krause passava sérias dificuldades.

Tinha, o Sr. Krause, um filho em torno de 16 a 18 anos, que conduzia uma camioneta de entrega e, para completar a infelicidade, o filho entrou com a camioneta em uma carroça de tração animal, tendo o seu ventre atravessado pelo timão (lança) da carroceria. Após este acidente, o Sr. Krause mudou-se de Blumenau, não mais sabendo-se nada a respeito dele.

**BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.**

**banespa**

Um dos colaboradores nas edições desta revista

## **Livros novos a serem editados pela Fundação «Casa Dr. Blumenau»**

Já está no prelo e deverá ser lançado até meados de abril, o livro de Altair Carlos Pimpão, "A Alemanha que Eu Vivi", todo composto e impresso, inclusive a capa, nas oficinas gráficas da Fundação "Casa Dr. Blumenau". Logo a seguir, surgirá o livro da Prof<sup>a</sup> Suely Maria Vanzuita Petry, "Os Clubes de Caça e Tiro na Região de Blumenau". Na seqüência, deverá ser editado o livro da pesquisadora Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart, "Brusque — Essas Ruas que eu Amo". Depois, será editado o livro de José Gonçalves, o terceiro deste autor, intitulado "Espelhos da Alma", o qual possui prefácio, de autoria do aplaudido escritor paranaense Valfrido Piloto, o qual faz uma apreciação completa do livro e que havíamos prometido publicar neste número, cujo teor é o seguinte:

### **PREFÁCIO**

**"José Gonçalves e o seu predestino de benfeitor social.**

**VALFRIDO PILOTTO**

(Da Academia Paranaense de Letras)

É escravizadora, exaustiva, sobremodo diabólica, a intensidade nela qual a vida de hoje exhibe as suas artimanhas. Morreu aquele mundo em que eram de onde em onde as brutalidades. Eis que já não conseguimos dobrar esquina, nem perlustrar lapsos, pondo-nos a salvo desse desencadear irreversível, desse redemoinho a sorver-nos como espectadores e daí a pouco até personagens, ou envolvidos a fundo, ou vítimas sem escape.

Inelutavelmente, nossos destinos e nossos seres vivem à mercê. Fauces armadas de esperteza e mesmo às escâncaras rondam o nosso dia-a-dia, tornado tapete mágico de angústias. As horas preconizam-nos descompassos imperiosos, esmagando nossas almas tanto quanto aqueles velhos ritmos de serenidade social já se adensaram como implacáveis desafios. Portanto, é martirizante esse cosmorama, e, malgrado tudo, ao invés de nos omitirmos, temos de constranger-nos a focalizá-lo bem nítido. Há de ser para abalar os outros nervos, retemperá-los talvez, na certa prevenindo-os e enrijecendo-os.

Nesse status, a responsabilidade do escritor transcende moldes e usanças. Procure seqüências de fatos e é gotejando horrores o seu desempenho. As arestas, os punhais de mil e um agravos a exortações quase o impedirão de criar a enlevante obra de arte, e, sim, favorecem, a todo momento, impactos negativos. Advêm cominações gerais perturbando anseios de harmonia moral, vôos de libertação e de sonho, necessidade de ímpetos redentores.

O real é, ai, um desmoronar de impiedade sobre alguns ingênuos

lírios restados de vendavais. Autor e leitor sofrem, então, envoltos em roxos sudários de contrição e desassossego. Se houver ficcionismo, não se modifica a questão, pois esse derivativo de redourar figuras e casos havidos, manifesta-se contaminado, surpreende chocante. Dada a circunstância de esperar-se dos recursos da fantasia o expurgo amenizante, mais nos desenganam e torturam os respectivos resultados, porque a esponja de fel, nestes dias, é sem interrupção e sem resalvas.

Escritor congênito e principalmente ótimo narrador, José Gonçalves tem-se dedicado desde 1976, a experiências de maior fôlego, deixando distantes as suas atividades de redator-esportivo, colunista e radio-telegrafista, durante as quais alcançara destaque, sendo considerado pioneiro sob alguns aspectos, para isto lhe valendo, além do talento, a diplomação técnica. No conto foi laureado, mas lhe era tentação o romance. É que sua acolhida a estórias de vários sofrimentos enlaçados numa única órbita e a servirem de lições amplas e úteis, lhe outorgou condição de intérprete muito especial.

Natural das margens do Itajaí-açu, ou, melhor, dos sertões do ribeirão Ilse, no município de Indaial (SC), José Gonçalves estava apto a comungar as desenvolturas e os percalços dos humildes saídos dessas veredas, em geral apazíveis, e colhidos pelas inóspitas armadilhas cá dos altos da civilização. Foi o entrecho do romance "Dico, o Sertanejo Herói", e também o de Alfred Wilhelm, rapazinho ido a passeio, de Blumenau, e como que apresado, desde as vésperas da guerra, pelo nazismo, mas servindo apenas para... não ser fuzilado e poder retornar a esta inesquecível e querida nação preceptora do seu espírito e das suas bem comprovadas índoles pacifistas, — tudo formando o livro "Ele Sobreviveu!"

Esses dois volumes valeram, de modo exuberante, para atestar a envergadura, a plena vitória de José Gonçalves como romancista. Havendo galgado uma vida de sobranceria mas dureza, aquele que se iniciara, bem antes, como linotipista d'"A Notícia", de Joinville, podia sentir firmes os pés, em quaisquer diuturnos aclives de emoção. Seu modo de escrever é translúcido, pois a vida prática, direta, produtiva, superou os revolteios sempre a suscitarem, através de dialéticas mas-sudas, as doutrinações. Se, entretanto chegou a hora, porque já foi grande a sugestão das ocorrências, este escritor sem asperezas também percute a sua arma, sempre uma sóbria alternativa de quem prefere convencer pela reprodução ao vivo.

Daí conseguiu levar-nos a deletrear, num mesmo horário, páginas e páginas, submetidos com agrado, por evolvar-se autêntica a comunicação, embora, não raro, lancinante. Sendo o inferno o principal fundo de cena daquelas obras, não deixemos de destacar este tópico, sumamente válido como elogio ao autor: "Moveu-nos o propósito de apresentar às gerações atuais e futuras, uma parte da face de uma guerra: os despojos que ela deixa em seu caminho, sejam de vitórias ou de derrotas, são sempre representados pelo sacrifício não só de homens transformados em máquinas de malar e de morrer, mas, e muito es-

pecialmente, pelo sacrifício de outras preciosas vidas inocentes que tanto desejam viver felizes e em paz: mulheres, crianças, adolescentes que, sem saber como e por que, sempre são envolvidos nessas guerras que, em geral, são geradas pela intolerância de uns, pelo egoísmo de outros e, acima de tudo, pelo desprezo ao diálogo franco, sincero e honesto de muitos”.

Antecedendo dessas afirmativas o primeiro daqueles romances, era como se desejasse, desde logo, situar seus escrúpulos de devotado à vida profícua e aos sentimentos humanísticos, diante das narrativas daí por diante ainda possíveis em seus planos. Quando deliberou focalizar, depois, a sacrificada juventude do “sertanejo herói”, estava ausente, portanto, que o espetáculo da imensa devastação deve permanecer continuamente em voga, numa advertência seríssima.

Sobreveio à mentalidade de José Gonçalves, por óbvios motivos, essa convicção. Profundamente radicado aos ideais e aos labores de sua gente, cumpre-lhe, de direito, esse apostolado. Há saudáveis euforias nesse homem de bem, — nesse jovem espírito de sexagenário recente e insuspeito. A conjugação de primorosas influências, que foi erigindo o fecundo Vale catarinense como orgulho do Brasil, que tem neste pragmático da criatividade um representante genuíno. Quando ainda procurava rumos, muniu-se, significativamente, dos conhecimentos de profissional em giros de prosperidade econômica. Logo mais, dirigiu-se a outra escola, essa constituída de todo um município que é inegável potência civilizadora, pois demonstra como se alcançou transformar as rudimentares insatisfações de uma colônia, com trânsito por incipiências de recursos, até ao pináculo de portentosas realidades.

Percebe-se, com clareza, haver José Gonçalves tido a intuição de que estaria em Blumenau uma Canaã para as suas nobres habilitações. Nessa jóia urbanística, os rebrilhos haveriam de caracterizar um superquilate: o suor feito verter pela inteligência do homem. Coube, aliás, a um dos expoentes desse milagre, a exegese irrefutável. É do projecto intelectual e mentor de empresas, Ingo Hering, esta síntese, no minucioso, magistral relato elaborado em 1950, quando do centenário de sua cidade:

“A indústria de Blumenau, como a do Vale do Itajaí, é quase que exclusivamente fruto do esforço dos seus habitantes. Ela não se baseia em riquezas do subsolo, nem foi incentivada pela proximidade dos grandes centros de consumo, ou por uma situação favorável quanto aos meios de comunicação. O único fator natural já preexistente foi a abundante força hidráulica, proporcionada pelo sistema hidrográfico do Itajaí-açu. De resto, o desenvolvimento desta área contou entre condições muitas vezes adversas, com um só fator positivo: o humano” (Reprod. in “Coletânea”, de 1980, pgs. 10 e 29).

Nessa cancha modelar, José Gonçalves, o escritor objetivo, o adepto do desenvolvimento sadio em que se unem, — conforme ainda o protótipo traçado por Ingo Hering, — “de um lado, a parte espiritual-cultural, e, de outro, um razoável conservadorismo e tradicionalismo”

(Ib., p. 69), tornar-se-ia cooperante utilíssimo, referto de iniciativas e com espontâneas obrigações voltadas para o aprimoramento social.

A cidade, a região toda ganhava uma criatura fiel e forte, uma daquelas vontades oriundas de âmbitos modestos, mas das quais Carlyle se lembrou quando quis enfocar a "luta multiforme, complexa, inextricável, universal, a que chamados progresso da sociedade", a fim de referir o homem de letras e pensamento, como o mais importante dos trabalhadores modernos ("Os Heróis", Ed. Cultura Moderna, SP, s/d, ps. 202 e 186). Chegado para uma luta global, José Gonçalves haveria de aproximar-se daquela população desassombrada, onde era sistema um apoio mútuo entre empresários, intelectuais e o poder público, isto é, entre vanguardistas de um ideal ressumante de civismo, e dinamizado pelas mais lídimas exigências da evolução.

Agiam no mesmo cenário, sempre estimulados e amparados pelos industriais e o oficialismo, alguns outros voluntários da grandeza blumenauense. Citaremos, dentre eles, o saudoso José Ferreira da Silva e Federico Carlos Allende, motivando-se, essa referência, além do mais, nas efusões fraternas que sempre nos aproximaram de ambos. Foram os diretores da Fundação "Casa Dr. Blumenau", da Biblioteca Pública "Dr. Fritz Mueller", bem como do mensário ligado às entidades, a revista "Blumenau em Cadernos" (já no nº 10 do tomo XXII). O atual pontificante nesses órgãos é exatamente José Gonçalves, em cujo prestígio se fundamenta toda a confiança das autoridades e demais responsáveis pela pujança espiritual e econômica da privilegiada querência itajaiana.

Tresdobra-se, ele, e promove a regularidade, a proficiência, a valorização de tais núcleos de cultura, famosos tanto no país como no estrangeiro. Supre os exíguos intervalos dos seus afazeres, implantando a outra tarefa, a difícil deliberação de emitir as mensagens dos seus romances e contos, os quais enriquecem, no mais alto grau, a sua capacidade mental.

Coube-nos a honra de ler, nos originais, este volume agora editado, — "Espelhos da Alma". Felicitamos o leitor que lhe palmilhe detidamente as páginas. Terá elementos de sobra, para argumentações redentoras. Isto à custa, — sem blague nem absurdo, — de exemplos abjetos. Topará, frente a frente não raro estatelado, uma série de flagrantes do mundo crucificado que punge à nossa volta. Há os véus da ficção, mas o autor se empolga. Concordemos: é preciso não ocultar nada, para tentarmos influir contra a perversão, a indignidade, o crime. José Gonçalves, benfeitor social, presta, aqui, notável serviço de reedificação, indo aos recessos, aos refúgios deletérios de uma coletividade já em estado de pasmo, porém ainda muito frágil na sua defesa.

Este romance, de cuja essência se ergue vigoroso libelo, merece aplausos. As contingências da atualidade impõem a sua leitura como dever. Que ninguém se retarde. Estão coligidas, no presente volume, situações a comporem tremendo corpo-de-delito.

# Subsídios à Crônica de Blumenau

Por Frederico Kilian

## Extraído do jornal "Der Urwaldsbote"

Urwaldsbote nº 89, de 5.5.1909 — MANIFESTO DO COMANDO DO 55º B.C. — O Tte. Cel Crispim Ferreira, publicou no dia seguinte à sua chegada a seguinte mensagem

### AO POVO BLUMENAUENSE

O 55º Batalhão de Caçadores agradece a rara, entusiástica e fidalga recepção que teve ao chegar a essa Cidade e apresenta à sociedade de Blumenau os seus melhores cumprimentos, hipotecando desde já, do Comandante ao último soldado, sua leal cooperação para que o novo elemento em nada venha perturbar os são costumes do honesto, ordeiro e laborioso Povo Blumenauense.

Em 1º de Maio de 1909.

Tte. Cel. Crispim Ferreira — Comandante do 55º B. C.

Urwaldsbote nº 89, de 5.5.1909 — BAILE. — À noite do dia 3 de maio (feriado) foi promovido pelos blumenauenses um baile em homenagem aos oficiais do 55º Batalhão de Caçadores no salão do Teatro "Frohsinn", oferecendo oportunidade a introduzir os senhores oficiais e suas famílias na sociedade blumenauense e granjeio de mútua amizade. As bandas de música do batalhão e "Werner" abrihantaram o baile que durou até altas horas da noite num ambiente harmonioso e de alegria, enchendo todos os participantes com a maior satisfação. A oficialidade do 55º Batalhão é a seguinte:

Comandante, Tte. Cel. Crispim Ferreira; Major Fiscal, Leitão da Silva; Capitão Ajudante, Valgas Neves; Capitão Joaquim Câmara, Chefe da 1ª Cia.; Primeiro Tenente Trajano Ferraz, Chefe da 2ª Cia.; Primeiro Tenente Vital Cardoso, Chefe da 3ª Cia; 2º Tte. Guasque, Secretário; 2º Tte. Dias da Rocha, quartel-mestre; 2º Tte. Alcebiades Brasil e 2º Tte. Eneas Brasil.

RETRETA — O jornal Urwaldsbote de 8.5.1909, traz o seguinte anúncio: — RETRETA — A Banda de Música do 55º Batalhão de Caçadores tocará no jardim público, das 4 às 6 horas da tarde de domingo as seguintes peças: — 1ª Parte: "Minerva", marcha; "Fausto", ária de pistão; "Saudades de Neném", valsa; "2º Regimento", dobrado; "Quando o amor morre", valsa. — 2ª Parte: "Stella Confidente", romança; "Saudosa", valsa; "Maxixe de Ferro", tango; "La Marine", dobrado; "Gaúcho", tango.

Der Urwaldsbote nº 88, de 1.5.1909 — INAUGURAÇÃO DA ESTRADA DE FERRO. — Para a inauguração do tráfego regular no

primeiro setor Blumenau-Warnow — no dia 3 de maio de 1909, foi organizado o seguinte programa:

7,30 horas, Recepção e saudação dos convidados na estação central em Blumenau; 7,45 horas, Solenidade da inauguração; 8,00 horas, Partida do trem para Warnow; 10,11 horas, Chegada em Warnow; 12,00 horas, Partida de Warnow; 14,03 horas, Chegada em Blumenau.

Conforme programa acima, realizou-se no dia 3 de maio a inauguração do primeiro trecho da Estrada de Ferro Santa Catarina, compreendido entre a estação de Blumenau e a de Warnow, num percurso de 31 quilômetros. Foi um dia festivo para o nosso município, cuja população há mais de 25 anos esperava por tal melhoramento. O ato solene realizou-se na estação central que se achava festivamente engalanada. Mais de 200 convidados compareceram ao ato, entre eles o Cônsul alemão em Desterro (Fpolis.), senhor von Landmann, as autoridades locais, bem como o comandante e oficialidade do 55º Batalhão de Caçadores e a banda de música desta corporação.

Às 7,30 horas chegava, vindo da estação de Itouyava-Seca, o comboio, ornado com flores, faixas e com as bandeiras nacional e da Alemanha, estacionando na plataforma de embarque da estação. Da plataforma do primeiro vagão o representante da Companhia Estrada de Ferro, senhor Scheffler, discursou em português, saudando os convidados presentes, e em breves palavras deu um relato sobre os principais tópicos da história da constituição da Companhia para a execução do empreendimento. O pequeno trecho que hoje se inaugura, disse o orador, é a base para uma obra de grande importância para o desenvolvimento de toda esta região, ou seja a ligação do vale de Itajaí, entre o porto à sua foz e as fronteiras com a Argentina e o Paraguai. O futuro econômico de Santa Catarina está no Vale do Itajaí e o futuro de Blumenau baseia-se na Estrada de Ferro. Para a realização desta grandiosa obra, porém, não é suficiente os esforços da iniciativa particular, esta obra depende das forças do governo federal, do Estado e do Município. Esta estrada não é somente de grande importância para a colonização, o comércio, lavoura e indústria, como também de alta significação estratégica. Finalizou o seu discurso com vivas ao Brasil, ao Estado de Santa Catarina e ao Município. — A seguir, o deputado Pedro Christiano Feddersen cortou a fita simbólica e entregou, em nome do governador, a Estrada de Ferro ao tráfego. Após este ato, os convidados tomaram o trem que partiu com destino a Warnow. Em todas as estações intermediárias houve uma parada, tendo os moradores das respectivas localidades aguardado o trem na estação e saudado o comboio e seus ocupantes. As estações achavam-se embandeiradas e engalanadas com flores e palmitos. Na estação de Indaial houve uma recepção especial organizada pelo senhor Dreer que também proferiu um discurso de saudação. Apesar do trem ter partido da estação de Blumenau com atraso de 12 minutos, chegou o mesmo pontualmente às 11,11 horas na estação de

Warnow. Aqui, como ponto final da viagem, um enorme número de moradores do lugar e de longíquas localidades havia comparecido para assistir a chegada do trem. Além da estação, também a povoação achava-se enfeitada festivamente. Na estação os alunos da escola local haviam formado com sua bandeira e bandeirinhas, agitando-as em regozijo, tendo cantado duas canções patrióticas brasileiras. O senhor Hoeschl, comerciante local, proferiu um brilhante discurso, referindo-se à importância da estrada de ferro como elemento incentivador para o desenvolvimento de toda a colônia de Blumenau, enaltecendo os esforços do Sr. Feddersen para a realização desta obra, juntamente aos órgãos do governo e aos meios financeiros na Alemanha, fundadores da Companhia Estrada de Ferro Santa Catarina. Numa barraca soberta de lona, junto à estação, haviam armado longas filas de mesas, sendo servido um lauto almoço aos visitantes, tomando parte também as autoridades do distrito de Indaial e pessoas de destaque da localidade. Durante o almoço o Sr. Pedro Christiano Feddersen levantou um brinde ao Exército brasileiro ali tão dignamente representado pelo comandante do 55º B. C. e sua oficialidade. O Cel. Crispim Ferreira agradeceu em breves palavras a homenagem, finalizando com um brinde à Alemanha, representada na pessoa do Cônsul alemão, senhor von Landmann, tendo a banda de música do batalhão tocado o hino prussiano. A seguir o cônsul alemão sr. von Landmann, agradeceu ao Tte. Cel. pelas suas palavras e disse que o dia de hoje o considerava um marco na história da aproximação do povo alemão e brasileiro, terminando com um viva ao Brasil e ao Estado de Santa Catarina, que se tornou sendo a segunda pátria para os imigrantes alemães, tocando a banda do batalhão então o hino nacional que foi ouvido em pé e ao final aclamado por todos os presentes.

O Sr. Feddersen, dirigindo a palavra ao povo presente, lembrou o trabalho dos colonos que possibilitaram esta festa e enalteceu o merecimento do diretor da Estrada de Ferro Santa Catarina e o engenheiro Dr. Goes, a cuja atuação e interesse junto ao governo se deve a realização deste empreendimento a execução do projeto da construção do estrada de ferro. Momentos antes do embarque de regresso o deputado Sr. Francisco Margarida, deu vivas à pátria brasileira, no que foi correspondido pela massa popular e membros da comitiva visitante. A viagem de regresso decorreu normalmente, dando provas que o trânsito ferroviário no trecho recém-inaugurado ofereceu todas as garantias de segurança e pontualidade. Às 2 horas da tarde em ponto, o trem chegou à estação central em Blumenau, terminando-se, assim, a bonita festa oferecida pela direção da Estrada aos seus convidados que, bem impressionados e satisfeitos, agradeceram aos diretores e representantes da Companhia, pelo inesquecível dia que lhes foi proporcionado.

---

Der Urwaldsbote nº 91 de 12.5.1909 — TRÂNSITO — Em consequência do tráfego ferroviário de passageiros, o senhor Jacob

Schmitt resolveu introduzir um serviço regular de condução de passageiros, com os seus carros de mola, do centro da cidade para a estação central e vice-versa, nos horários do trem. Além disso, há carros de mola, diariamente, das 7 às 12 e das 2 às 6 horas da tarde, com pontos em frente à Prefeitura Municipal e na entrada da rua da Velha (Rua Amadeu Luz) para corridas na cidade e bairros. O preço para uma corrida simples no referido horário importa em 500 réis por pessoa e fora deste horário o dobro. Os carros de aluguel trazem letreiros indicativos. Estes foram, portanto, os primeiros pontos dos carros de molas em Blumenau que durante muitos anos serviram à população e agora foram substituídos pelos automóveis, não obstante ainda há bem pouco tempo, na temporada de fluxo de turistas, terem aparecido uns ou outros carros, como atração turística.

---

Der Urwaldsbote nº 92, de 15.5.1909 — VISITA DO BISPO D. JOÃO BECKER — Quinta-feira, dia 13 de maio (feriado nacional), o Bispo de Santa Catarina D. João Becker, chegou, na parte da tarde a Blumenau e foi festivamente recebido pela comunidade católica do município, que mostrava a sua alegria e satisfação por receber nele o primeiro bispo de Santa Catarina, uma vez que até então os católicos de nosso Estado estavam subordinados à diocese do Paraná.

Uma comissão de recepção aguardava S. Revma. na localidade de Belchior, divisa do distrito de Gaspar com Blumenau. Um elevado número de cavaleiros, empunhando lanças com flâmulas, vinha à frente do carro episcopal e outros carros de mola o seguiram formando uma longa fila. Grande massa popular aglomerava-se na rua principal da cidade, que se achava festivamente engalanada e embandeirada, erguendo-se ao longo da rua vários arcos de triunfo, com faixas contendo dizeres de saudações, sendo o chefe da igreja católica ovacionado entusiasticamente deste sua entrada na cidade. Em frente à casa do Dr. Ferraz (na altura da atual farmácia Glória), S. Emília desceu do carro sob os acordes da banda de música do 55º Batalhão de Caçadores, sendo aqui cumprimentado pelo Comandante do batalhão, pelo Superintendente e por destacados membros da comunidade católica. Os alunos dos colégios católicos estavam formados, enfileirados, ao longo da Rua XV de Novembro. O discurso de saudação foi proferido pelo senhor Francisco Margarida, tendo o Bispo agradecido com eloquentes palavras. Depois o Bispo, entrando na casa do senhor Ferraz, paramentou-se e, em procissão, seguiram todos à Igreja Matriz, que estava feericamente iluminada, onde S. Emília celebrou missa solene.

D. João Becker, que nasceu na Alemanha, formou-se em teologia no Colégio dos Jesuitas em São Leopoldo Rio Grande do Sul e com 38 anos de idade, já chegou a ser nomeado bispo, tendo antes sido cônego em Porto Alegre.

# FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

## São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;  
Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

## A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *João Carlos von Hohendorf - advogado*; vice-presidente — *Rolf Ehlke - Industrial*.

Membros: *Elimar Baumgarten, advogado; Honorato Tomelim, jornalista; Ingo Fischer, advogado, secretário da Educação e Cultura do município; Altair Carlos Pimpão, jornalista; professor Antônio Boing Neto; Arno Letzow, comerciante; Beno Frederico Weiers, advogado; Heinz Hartmann, repres. comercial; Prof. Olívio Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

20 milhões de pessoas carregam a Hering nas costas.



Nas costas, na cintura, na lateral. É só examinar um brasileiro por dentro que você descobre uma etiqueta Hering.

Quem é que não gosta de usar uma malha de algodão macia, suave e confortável?

No trabalho, no esporte ou no lazer, qualquer tempo é tempo de camisetas, cuecas, pijamas e camisolas Hering.

Mas não é só no Brasil que a etiqueta dos dois peixinhos virou moda: ela também pode ser encontrada nas costas alemãs, canadenses, finlandesas, americanas, suecas e holandesas.

Afinal, quem fabrica 16 milhões de peças por mês não podia deixar tudo nas costas dos brasileiros.

Cia. Hering

BLUMENAU - SANTA CATARINA

